



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

ETNIA E CIÊNCIA NO CONTEXTO DO LIVRO A AMÉRICA LATINA: *MALES DE ORIGEM DE MANOEL BOMFIM*

Jerferson Joyly dos Santos Medeiros

Universidade Federal de Pernambuco

Jomar Ricardo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

O presente artigo tem como diretrizes de estudo uma análise sobre etnia e ciência no contexto do livro *A América Latina – males de origem de Manoel Bomfim*, visibilizando a contribuição para ampliar a reflexão sobre as relações da sociedade com a quebra do estereótipo introduzido no Brasil acerca do pensar histórico no âmbito cultural. Na busca para o entendimento das ações, tentaremos interpretar e problematizar o livro no qual coloca o autor no ápice da sua reminiscência. O contexto apresentado demonstra como a América Latina estava relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação científica, que naturalizados como verdade, permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista. No Brasil temos uma grande discussão sobre etnia e ciência, onde se julga a inexistência do preconceito científico/histórico, nosso estudo tentará abordar como essa discussão se encontra entre o fim do século XIX e início do século XX, na obra desse referido autor.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. Etnia. Ciência.

Abstract

This article is an analysis of guidelines on ethnicity and science in the context of the book *Latin America - the origin of males* by Manoel Bomfim, exposing the contribution to expand the study of the links between society and deconstruction of stereotypes introduced in Brazil about historical thinking in the cultural sphere. In the quest for understanding the actions, we tried to interpret and to discuss the book which the author puts at the apex of his reminiscence. The context demonstrates how Latin America was related to modernizing its political relations in the past, resulting in parasitic relationships prejudices presented on various forms of scientific justification, that naturalized as truth permeated the lack of public policies and covered the origin of discrimination racial and ethnic populations resulting from the slave regime. In Brazil we have a large discussion about race and science which criticizes lack the scientific / historical bias, our study attempts to approach how this discussion is between the late XIX and XX in the aforementioned author's works.

Keywords: Manoel Bomfim. Ethnicity. Science.

Visibilizando a contribuição para ampliar a reflexão sobre as relações da sociedade com a quebra do estereótipo introduzido no Brasil acerca do pensar histórico no âmbito cultural, tentaremos interpretar e problematizar o livro: *América Latina – Males de Origem* (1905) no qual coloca Manoel Bomfim no ápice da sua reminiscência. O contexto apresentado demonstra como a América Latina estava relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação científica, que naturalizados como verdade, permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista.

Manoel Bomfim em "*America Latina: Males de Origem*" criou a partir da noção de parasitismo, uma "teoria biológica da mais valia", segundo a qual as elites locais, as metrópoles coloniais e as potências imperialistas seriam parasitas das classes trabalhadoras, tomando para si as riquezas que estas produziam. Será que tal ideia não serviu de suporte para outras concepções vigentes? Qual foi o critério utilizado para separar as ideias produzidas no passado em consonância com o presente? Até que ponto Bomfim quis ser um visionário ou transpôs a própria realidade?

Assim, esperamos que o presente artigo possa servir de estudo na tentativa de configurar uma época importante da sociedade brasileira, à virada de um século a outro, por ser considerada a gênese do capitalismo que tardiamente em relação aos países europeus, se constituía trazendo mudanças nas formas de pensar e agir das pessoas, como também a necessidade de repensar as representações sobre a etnia e ciência, bem como, as condições culturais de exclusão impostas que tiveram as obras do citado autor num tema presente. No Brasil temos uma grande discussão sobre etnia/ciência, onde se julga a inexistência do preconceito científico/histórico, nosso estudo tentará abordar como essa discussão se encontra entre o fim do século XIX e início do século XX, nas obras desse autor.

Final do século XIX início do XX

Não és bom nem és mal. És triste e humano
(Olavo Bilac)

Dante Moreira Leite e Vamireh Chacon estão dentre os poucos que procuram quebrar a cortina do silêncio chamando a atenção para o esquecimento a que Bomfim fora relegado. Dante Moreira Leite, em seu livro publicado em 1960 e Vamireh Chacon, em significativas páginas qual o autor de A America Latina é criteriosamente pensado, indagava em 1965: 'Por que não se fala neste Manoel Bomfim?'¹

Assim, nós somos apresentados a parcialidade de sua obra em todo o contexto social. A causa do fato de ele ter sido silenciado ao se atrever a 'refutar teorias cientificamente provadas' como as de 'pensadores Gustav Le Bon e Gobineau' (ROMERO, 1906, p. 233), mortificou seu estudo e toda 'perspectiva histórica para

¹ Fragmento do Livro Manoel Bomfim – combate ao racismo, educação popular e democracia racial. ALVES FILHO, Aluizio. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 66

julgar homens e acontecimentos do passado' (COSTA, 2008, p. 426 apud LEITE, 1992 [1954], p. 251). É delineado por tais escritos esquecidos e por toda uma manifestação ideológica/utópica que nossos passos irão de encontro ao "pequeno" para sua época, em tentativas ilusórias de combate ao "grande".

O esquecimento ao atravessar os fragmentos *dissonantes*, deslinearizou os tempos, colocando a teoria contra a própria teoria. Manoel Bomfim adentrou a um discurso descomprometido com interesses "dominantes" e usurpou a ideologia dos "dominados". Trouxe em seu bojo propostas de mudanças para o melhoramento de condições precárias que remetesse a dimensão prática e a aplicabilidade direta na sociedade. É, portanto, a tomada de posição em relação ao problema de uma época que faz o estudioso aceitar ou rejeitar um instrumento teórico determinado (ALVES FILHO, 2008, p. 68).

Em contextualização dos finais do século XIX, após um período de depressão econômica, equilibram-se as finanças dos países centrais, assim como se verifica certo alívio e conseqüente expansão dos negócios nos Estados Unidos e na Europa central. O resultado foi um clima de otimismo e confiança absoluta, que saía da economia e ganhava a cultura, os costumes e a moral (COSTA, SCHWARCZ, 2000, p. 27). A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu. Por conseguinte, houve desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (HOBSBAWM, 1997, p. 70).

Hobsbawm (1988, p. 66) assinala que nesse período o capitalismo se tornou internacional na prática e internacionalista na teoria. Ele assumiu, cada vez mais, características globais, passando por mudanças rápidas e profundas. À medida que estreitava as fronteiras entre as regiões do mundo, tinha a necessidade de também modificar os padrões de vida e de consumo das áreas que eram incorporadas à dominação imperialista.

Em plena efervescência da jovem república brasileira vemos uma grave crise político – econômica, esta nova república que adotou o sistema de eleições diretas introduzia o princípio do federalismo. Em 1881 quando foi promulgada a constituição republicana, colocava a vontade da grande maioria como uma cartada no jogo político, embora a reforma por ela abordada mostrava-se inábil de provocar alterações concisas e de grande abrangência. A política colocada em cheque por Rui Barbosa nos primeiros anos da república caminhou-se para um verdadeiro fracasso, contribuindo no aumento da inflação e a dívida externa, o café era produto de riqueza nacional e os grandes proprietários rurais, os senhores do estado.

A abolição, antes de reparar uma injustiça social, veio trazer outros problemas para o grupo social étnico liberado: o negro não foi incluso na nova ordem social e a propriedade da terra continuou concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Estes últimos preferiram a opção de utilizar a mão de obra estrangeira, proveniente da emigração sob os auspícios do Estado, a aproveitar o contingente de ex-escravos, que passou a constituir uma massa de pessoas sem trabalho, moradia e educação (RIBEIRO, 1995, p. 222).

O voto de cabresto fez cair na redundância, pois como uma população que nunca fora dada a oportunidade de se organizar politicamente, sem acesso a informações e escola, acabavam por impor-lhe seus representantes, levando a sociedade brasileira a uma forma de (des) organização social arcaica em defesa de privilégios próprios, tudo isso, permutado a escassa industrialização, o domínio das oligarquias rurais e uma exorbitante dependência do capital estrangeiro, não que o Brasil fosse o único afetado com esse arcabouço de mazelas, mas toda América latina. Com salve exceção aos EUA na vida das Américas e, tendo em vista a crescente industrialização do Norte despertando como a nação de grande “poder no continente”.

Deste modo vimos como Bomfim atacou o imperialismo dos Estados Unidos no momento em que este estendia sua influência sobre os países do continente, a partir

da doutrina propalada pelo presidente norte-americano James Monroe (1817 – 1825), que pregava a não intervenção das nações européias na América, divergindo assim contra a corrente americanista. Bomfim percebeu, ao contrário, que o americanismo era um instrumento usado pelos EUA para descartar a presença econômica européia e estabelecer a sua própria hegemonia no continente (VENTURA, 2001).

Conceito de representação

*Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos?
(Iracema - José de Alencar)*

Para realizarmos uma interpretação dos aspectos relativos às concepções sobre etnia no século XX tendo como base Manoel Bomfim, utilizaremos o conceito de representação constituído por Roger Chartier.

Ao conceito de representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão (CHARTIER, 1990, p.19). Enquanto operacionalização metodológica dessas representações sociais, como categorias para apreensão do real, Chartier (1990, p. 23) enumera três possibilidades: delimitações das configurações, com as quais são construídas, por diversos grupos, a realidade social; reconhecimento da identidade social que mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas, e as formas institucionalizadas que alguns “representantes” marcam a existência do grupo, classe ou comunidade.

Neste sentido veremos que as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Estas se apresentam de forma variáveis de acordo dos grupos que as forjam (CHARTIER, 1990, 17). Para alcançarmos as análises das configurações

das relações interpessoais nos escritos de Manoel Bomfim, recorreremos a uma análise das representações sobre etnia e ciência, utilizaremos as obras destes como fonte de pesquisa histórica. Chartier ressalta que para a 'história ciência social' "os indivíduos estão sempre ligados por dependências recíprocas, percebidas ou invisíveis, que moldam e estruturam sua personalidade e definem, em suas modalidades sucessivas, as formas da afetividade e da nacionalidade." (CHARTIER, 1990, p.7).

Dessa forma podemos então demonstrar o conceito de representação, que são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, que permitem a reconstrução de um dado momento histórico através da utilização de representações como fonte histórica. Entendemos Por representação o conceito segundo Roger Chartier (2010), de interpretação dos valores e culturas sobre as quais estão relacionadas às forças de coerção do corpo social, onde as desigualdades passam a configurar a construção de uma cultura homogênea e excludente de características próprias ligadas a noção do real e social.

Pensando de forma complexa, analisamos a convivência e as dinâmicas sociais e étnicas que são inter-relacionadas com a escrita desse autor, seus escritos trazem como objeto uma realidade vivida em um determinado momento histórico, tornando-se interdependente ao relatar um meio social com temáticas afins, ou seja, trabalha com questões étnicas, científicas e como estas são vistas em seu meio social.

Manoel Bomfim, através do parasitismo social, analisou a exploração predatória e o gosto pela vida sedentária, que levariam ao esgotamento dos recursos e à decadência das sociedades. A eterna luta entre parasitas e parasitados seria, portanto, o principal fator das transformações históricas (VENTURA, 2001). Bomfim caiu em contradição, ao empregar o conceito biológico de parasitismo em sua análise da história e da política sul-americanas, transpondo da zoologia para história o conceito dos franceses Massart e Vandervelde, segundo o qual um ser vivo se torna parasita ao viver à custa de outro, explorado-o e sugando-lhe as forças e os

alimentos. Nesta perspectiva, as representações tornam presentes um objeto, conceito ou pessoas ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-lo adequadamente. Há uma distinção radical entre o representado ausente e a imagem que o representa (CHARTIER, 2002, p. 165 – 66)

Em outros termos, as relações sociais são representadas pelas relações de como o conhecimento do senso comum entra no conhecimento científico e tal representação mascara o conflito entre a “teoria” e a “práxis”, mas isso por si só não é capaz de promover a conciliação dos interesses pertinentes entre esse dois paralelos, embora um esteja subjacente ao outro, ambos aparecem com uma força com direitos próprios.

O autor do silêncio: A trajetória intelectual de Manoel José Bomfim

Está morto: podemos elogiá-lo à vontade.

(O Empréstimo – Machado de Assis)

Manoel José Bomfim, um ser mesclado de signos alheios a um poço deslumbrado de esquecimento, um revoltado perdido em meio a escritas deixadas no silêncio, um discursador indo contra a maré da historiografia dominante, herói disfarçado nas entrelinhas dos seus pensamentos, militante sem sair da cadeira, ou como costumam chamá-lo, “O rebelde esquecido”². E assim se configurou na passagem do século XIX ao XX. Nasceu em Aracajú no dia 8 de agosto de 1868, na então província do Sergipe, filho de uma família abastarda dona de engenho de açúcar e comerciantes, viu de perto a transitoriedade do império a republica, viveu 32 anos de sua vida em cada período. Aos 12 anos foi trabalhar no engenho de sua família, transferindo-se cinco anos depois para a Bahia, onde iniciou os estudos em

² Título conferido por Ronaldo Conde Aguiar no livro *Manoel Bomfim: O rebelde esquecido*.

Medicina, concluindo na cidade do Rio de Janeiro em 1890, período de grade efervescência da 'Nova República brasileira'.

Nos anos posteriores foi nomeado médico da secretaria da polícia e tenente cirurgião da brigada policial. Ao casar com Natividade Aurora de Oliveira, muda-se para o interior de São Paulo no intuito de clinicar. Seus filhos nasceram, Maria e Aníbal, mas logo algumas notícias abala-o, primeiro a morte de seu pai e segundo de sua filha, ficando comovido por não ter dado as devidas assistências, decepciona-se com medicina, ao ponto de largá-la aos 26 anos de idade e começar tudo do zero.

A educação será seu ponto de fuga, um redescobrir para dá sentido a vida. Além de médico, passaria a ser um cientista social, jornalista, professor, diretor da Instrução pública, secretário de Educação do Rio e deputado federal. Bomfim não era um sociólogo refratário de idolatria nem homem de repetir meia hombridade, na sua interpenetração via nos educadores, a consciência capaz de adaptar ensino da infância e da juventude e dessa forma redefinir o país.

Em 1901, vista Paris, passando a estudar psicologia e pedagogia na Sorbonne com bolsa de estudo do governo brasileiro, ao retornar ao país e já diretor do Pedagogium³ é nomeado após a extinção, diretor da instrução pública, viu nesta oportunidade de deixar alguns rastros do seu trabalho. Em contato com a imprensa, foi responsável por uma atuação efetiva Redigindo a revista Leitura para Todos e escrevendo artigos para os jornais: O Correio do Povo, O Comércio, Ilustração Brasileira, O País, Notícia e Tribuna.

Suas obras estão totalmente ligadas à sua vida, foi escritor que não ousou escrever sobre o seu íntimo, não quis traçar uma escrita de si, nem muito mesmo

³ Museu pedagógico fundado no ano de 1890, Rio de Janeiro. Passando em 1897 a ser um centro cultural superior, recebendo em 1906 o primeiro laboratório experimental de psicologia. Inspirado na reforma de Rodolfo Dantas em consonância ao ensino primário de Rui Barbosa, a iniciativa foi de Benjamin Constant era impulsionar as reformas e melhoramentos que carecia a educação nacional. O centro então formado contava como a Revista Pedagogia, esta distribuída gratuitamente aos professores de rede pública, às tipografias e aos estabelecimentos públicos de instrução, nacionais e estrangeiros. Durou 19 anos sendo extinto em 1919, tendo como principais diretores: Dr. Joaquim José de Menezes Vieira - 1890 a 1896 e Dr. Manoel José Bomfim - 1897 a 1919.

mostrar tanta dor e angustia que assolava-o diante da precária vida medico – higienista. Ao descobrir 1926 que teria pouco tempo de vida, começa esquematizar uma análise sociológica do Brasil, autor de: *América Latina – Males de Origem* (1905), da trilogia: *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e o *Brasil Nação* (1931), empenha-se em criticar os historiadores e políticos do Brasil pela deturpação da história nacional e contribuição da deterioração da nação. Tenta ir além, comungando com alguns aspectos na construção da criação de uma nacionalidade tipicamente brasileira, desenvolvendo uma reflexão sobre o país e seus habitantes.

Em contato com a educação e com a escrita da vasta obra sociológica, Manoel contribuiu a cultura brasileira um importante e amplo debate intelectual, sendo considerado precursor na aplicação do materialismo na análise do ‘passado brasileiro’. Na psicologia desenvolveu obras, tais como: *O fato psíquico* (1904), *Noções de Psicologia* (1916), *Pensar e dizer: estudos do símbolo e do pensamento* (1923) e *Métodos do teste: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1928), além de: *As alucinações auditivas e o Ciúme*. Destemido, foi além do classificável, mostrava uma psicologia voltada para análise do sujeito focada nas discussões dos processos mentais subjacentes, o homem em suas obras, passa a ser um animal racional e o seu comportamento e pensar passam a ser estudado em um quadro social, o campo de investigação que traçava como característica principal as relações entre grupos, recaindo especificamente na atenção do indivíduo.

Em persistente contato com a pedagogia, foi um produtor de múltiplos livros didáticos destinados os cursos primários e ensino médio. Escrevia livros para utilizar nas salas de aula, e conseguir fazer com que os professores tentassem ir além do colocado pelas instruções públicas. Os livros mais conhecidos são: *Compêndio de Zoologia geral* (1902), *Lições e leituras para o primeiro ano* (1922), *Lições e leituras: livro do mestre* (1922) e *Crianças e homens* (1922). Na co-autoria de Olavo Bilac escreveu três obras: *Livro de composição para o curso complementar das escolas*

primárias (1899); *Livro de leitura para o curso complementar das escolas primárias* (1901) e *Através do Brasil: livro de leitura para o curso médio* (1910)⁴.

Etnia e Ciência no contexto do livro: A América Latina – Males de Origem

Prende-os a mesma corrente

Férrea, lúgubre serpente

Nas roscas da escravidão

(O Navio Negroiro – Castro Alves)

De uma forma mais lacônica, tomamos como objeto de estudo o livro, *A América Latina: Males de Origem*, pois podemos observar e tentar entender suas concepções e conceitos no que tange a estrutura da sociedade na transição do século XIX para o século XX e de que forma tais prerrogativas apresentadas ao longo da obra levaram-no a formular estereótipos, estes ligados ao indivíduo ativo, construtor de sua realidade social e dela construído.

A teoria conhecida como Darwinismo Social pensada de forma transitória assimilada do conceito biológico de evolução de Charles Darwin permeia o meio social das políticas e instituições sociais e fomenta concepções de evolução baseadas nos modelos de “civilidade” das “nações” imperialistas européias e americanas, desta forma justifica-se o atraso social e as causas dos problemas decorrentes das ausências de políticas sociais eficazes para a melhoria dos padrões de vida em uma conjuntura macro das sociedades. A questão política passa então para o plano de ciência relega-se a culpabilidade aos sujeitos em detrimento de suas origens

⁴ *Através do Brasil*, escrito em coautoria de Olavo Bilac teve mais de sessenta edições, sendo que a última foi publicada no ano de 1962. Para uma análise mais aguçada da permanência desta obra ao longo do tempo, ver: SANTOS; OLIVA (2004).

biológicas e se restringe o campo das elucidações das realidades centrais das problemáticas sociais ligadas aos processos históricos.

Bomfim questionou o chamado racismo científico⁵. Dividido seu livro em cinco partes, expões em cada uma delas, as formas negativas e preconceituosas dos europeus sobre a América do Sul, apontando como atraso deste continente, a degeneração de raças “inferiorizadas”, bem como a sustentação do meio e as asperezas do clima tropical no desfavorecimento. Publicado em 1905, foi escrito em 1903, quando o médico sergipano encontrava-se em Paris, provocando os leitores a refletir sobre as reais causas da situação, indaga:

Há um outro fator a indicar bem expressamente que é nesse passado, nas condições de formação da nacionalidade sul – americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais: é que, por um lado, estas perturbações, estes males são absolutamente os mesmo – mais ou menos atenuados – em todas elas; e, por outro lado, estes povos tiveram a mesma origem, formaram-se nas mesmas condições, foram educados pelos mesmos processos, e esses males eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento. (BOMFIM, 1993, p. 59)

Em detrimentos as concepções dominantes na época da virada para o século XX, o Brasil, buscava um identidade nacional brasileira, juntamente com uma identidade específica para o labor intelectual. Neste sentido, o trabalho de Bomfim ganha notoriedade ao ir de frente com o discurso eurocêntrico, com argumentos novos e verdadeiros, formula e dar pressupostos a um contra-discurso. A formulação dada por Bomfim em contraposição ao que era vigente na época sobre o fator das raças serem as causas do subdesenvolvimento leva-o a formular a tese do

⁵ Entendemos por racismo científico o conceito utilizado por Aluizio Alves Filho conferido a Arthur Gobineau (1816 -1882) que, entre outras sandices, escreveu em seu livro intitulado Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas: “A raça branca possuía originalmente o monopólio de beleza, da inteligência e do vigor. Por sua união com outras variedades, criam seres híbridos, débeis, fortes, mas sem inteligência e, sobretudo feios” (FILHO, 2008 apud GOBINEAU, 1932, p. 209)

parasitismo social, estabelecendo uma comparação entre organismo animal e as sociedades humanas, enfatizando a lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo combinada com a dominação interna imposta pelas elites dirigentes, causava profundos males aos povos latino-americanos. A Formação em medicina pode ser percebida em alguns termos utilizado por ele ao longo da sua obra, "sintomas", "remédios", "parasitas", "parasitadas", formulações que nos remete a ir por vielas ao entendimento da sua tese.

Sua tese desmoralizante e esquecida em torno de meio século, batia de frente com pressupostos de ideias elitistas, estas que fizeram parte do início do século 20, podemos citar como exemplo, a tão propagada tese de que a mestiçagem provoca decadência da espécie que não passou ou rendiam –se as homenagens preconceituosas nas ideias do Gobineau e seus seguidores, no linear de suas análises, Bomfim, não admitiu despercebido, criticou, reformulou e abrangeu tais prerrogativas dando novas perspectivas e olhares. Para alguns comentaristas de Manoel Bomfim, essa sua elocução carregada de biologismos que buscava dar conta da realidade social tinha ascendência nas ideias de Marx⁶ (apud AGUIAR, 2000), autor como Ventura (2001) vão mais longe ao afirmar que Bomfim criou uma "teoria biológica da mais-valia", segundo a qual "o parasitismo produziria o gosto pela vida sedentária, que levaria ao esgotamento dos recursos e à decadência das sociedades." (VENTURA, 2002, p. 243-244).

Ao longo da obra tenta explicar o sistema colonial, para justificar suas intenções nas políticas coloniais e como aconteceu esta colonização:

⁶ Karl Heinrich Marx (1818 - 1883) foi um intelectual alemão, fundador da doutrina comunista moderna, atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. A nível de estudo neste relatório compreendemos o trabalho na perspectiva apresentada por Marx, como atividade fundante da humanidade. E o trabalho, sendo a centralidade da atividade humana, se desenvolve socialmente, sendo o homem um ser social. Sendo os homens seres sociais, a História, isto é, suas relações de produção e suas relações sociais fundam todo processo de formação das sociedades.

Aqui chegando, os aventureiros espanhóis tinham como empenho primeiro recolher todo o ouro - todas as riquezas acumuladas. Elas não eram fantásticas como as que os portugueses encontraram na Índia; cifravam-se em algumas toneladas de ouro, ao Norte e ao Sul do istmo - México e Peru. Mas este ouro colheram-no, não com a simplicidade e tolerância de um visitante noturno, que faz deslizar à gazua a lingueta da fechadura, apanha o que lá existe na burra, e vai embora mansamente, deixando a vítima à vida, o imóvel, os meios em suma de trabalhar ainda, e refazer de alguma sorte a existência. Há quem se limite a isto: são os bandidos e gatunos vulgares; os heróis procedem de modo mais radical. É este mesmo, o único traço distintivo entre o herói conquistador e o ladrão noturno. O processo dos capitães ibéricos, na América, não foi nem mesmo o da vespa preguiçosa e agressiva, que invade a colméia pacífica e se farta de mel alheio, matando, destruindo as abelhas que se lhe querem opor, mas que, em todo caso, deixa subsistir o cortiço; que será aproveitado pelas sobreviventes. Não; aqui chegando, eles encontraram impérios constituídos, populosos, civilizações vivazes; e, para se apoderarem de alguns carregamentos de ouro, destruíram tudo, tudo. Esse proceder não podia deixar de trazer conseqüências consideráveis para a vida econômica das futuras sociedades coloniais. (BOMFIM, 1993, p. 127 – 128)

O parasitismo social integral aplicado nas políticas colônias de Portugal e Espanha, refletiu na política do século XX, as fragilidades fruto dos chamados males da América. O uso por Bomfim de tal analogia o leva a desenvolver a sua “teoria do parasitismo”, cujo argumento central é o de que o “atraso brasileiro” se devia menos à composição racial do que ao caráter parasítico de espanhóis e portugueses transmitido às terras por eles colonizadas no Novo Mundo, que forçavam seus hospedeiros a sofrer um desenvolvimento defeituoso das várias funções naturais (SKIDMORE, 1976). No Brasil a teoria de cunho biológico será transplantada para o meio social para explicar as relações de superioridade e inferioridade das classes

econômicas do país, suas explicações de caráter científico fundamentam seu pensamento social sobre as reais condições da sociedade.

Quanto à vida social propriamente dita, moral e intelectual, o regime parasitário tem (e não podia deixar de ter) uma influência igualmente sensível e funesta. O primeiro efeito desses processos de exploração, desenvolvidos pela metrópole, foi preparar uma população heterogênea, instável, cindida em grupos, possuídos de ódios entre si, desde o primeiro momento, formada quase que de castas distintas. (BOMFIM, 1956, p. 9 – 10)

Na perspectiva mais abrangente de Bomfim, esta luta entre parasita e parasitado, estaria causando as mudanças históricas. Mas, no pensamento bomfiniano, esta sua maneira original de olhar ao redor de si (RIBEIRO apud BOMFIM, 2005), de buscar interpretar a realidade da América Latina, mais particularmente a brasileira, rejeitando “a noção pseudocientífico de superioridade das raças, atribuindo as diferenças e os graus de processos a fatores de ordem social e cultural.” (CÂNDIDO, 1990, p. 12) faria a América dar um passo a frente.

As conjecturas apresentadas sobre a divisão e os preconceitos sociais seriam advindas da colonização escravista e exploradora, onde a moral dos dominadores estaria acima de sua posição, as populações inferiorizadas “negros e indígenas” ainda estariam relegados a uma relação de verticalidade onde a velha estrutura colonial escravista ainda se mostrava presente. Neste sentido, é possível dizer que os principais efeitos presentes destas transformações dizem respeito ao fato de que trazem à tona algumas importantes questões relativas à autocompreensão de certos povos em relação à formação de sua nacionalidade, reivindicando a tese de que o passado pode conter ensinamentos que devem ser aproveitados pelo presente a partir de uma espécie de interpretação seletiva (SOUZA, 2000). Na mentalidade política das instituições republicanas e em seus representantes esta relação de exploração e discriminação se fazia presente, através do preconceito e do grau de

“branqueamento” do sujeito, este seria uma legitimação das relações passadas vivenciadas na colonial e naturalizadas nas repúblicas americanas.

Nos interstícios dessa malha de feudos, uma população de mestiçagem, produtos de índios e negros, negras e refugos de brancos, indígenas e escravos revéis, uma mescla de gentes desmoralizadas pela escravidão ou animada de rancores, uma população vivendo à margem da civilização, contaminada de todos os seus vícios e defeitos, sem participar de nenhuma das suas vantagens, reduzida ao viver rudimentar das hordas primitivas. (BOMFIM, 1956, p. 10)

O contexto apresentado por Bomfim irá demonstrar como a América Latina estará relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas que persistirão nas décadas do início século XX em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação científica, que naturalizados como verdade permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista e explorados. Tendo como objetivo o “de proteger os indivíduos contra a natureza, contra as causas naturais de miséria, contra a ignorância, contra o preconceito, contra a superstição.” (BOMFIM, 2005). Seus descendentes sentirão este reflexo e a sociedade apoiará sobre novas formas estas desigualdades.

Ao desenrolar das teorias Bomfinianas, é perceptível o quanto o pensamento é inovador. Por sua ousadia em apontar o chamado racismo científico que hipnotizava parte dos intelectuais e a elite brasileira, a ideia de progresso, que tanto almejava estava intrinsecamente ligada à educação e não relacionada com as questões raciais e o clima tropical como uma forma de atraso enraizado.

Referências

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido* – tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- ALVES FILHO, Aluízio. *Manoel Bomfim*. combate ao racismo, educação popular e democracia racial. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- BENTO, Luiz Carlos. *Teórico ensaísta ou rebelde: a importância do pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim para historiografia brasileira*. Artigo: 2010.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2000.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. 1º ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1905. 2º edição. Rio de Janeiro: A noite, 1938. 3º ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. Edição comemorativa do centenário de publicação do livro, a Topbooks republicou A América Latina: Males de origem em 2005.
- CÂNDIDO, Antônio. "Radicalismos". *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, vol.4, n.8, 1990.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).
- _____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- COSTA, Angela Marques da. SCHWACR, Lilia Moritz. 1990 – 1914: No tempo das certezas / coordenação Laura de Mello e Sousa, Lilia Moritz Schwacr. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia à República*. momentos decisivos. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, Jean Carlos de Carvalho. *Nação, estado e raça em Manoel Bomfim: a "impertinência" bomfiniana em torno da identidade nacional*. Cronos, Natal – RN, v.9, p. 417 – 438, jul./dez. 2008.

FAUSTO, Boris. *História de Brasil*. 8. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FREUD, Sigmund. El Moisés de Miguel Angel (1914). In: _____. *Psicoanálisis aplicado: ensayos sobre la aplicación del psicoanálisis a la literatura, el arte, la religión, la mitología, la guerra y la paz*. Trad. Ludovico Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1954. (Obras completas, v. 23).

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, "pensador da história" da primeira república. *Revista de história – dossiê ofício do historiador*. São Paulo: ANPUH, vol. 23, n. 45, 2003.

HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A era do capital: 1848-1875*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3 ed. Rev. e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história." Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, [Trad. das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. Advento da modernidade. *Revista Lua Nova*, n. 20, p. 19-30, 1990.

REIS, José Carlos. Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática. In: REIS, José Carlos. *As*

identidades do Brasil: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda? Rio de Janeiro: FGV, 2005. p.183-239. v.2.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 11-22.

ROMERO, Silvio. *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1906.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed.Rev.eAmpl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: SOUZA, Jessé (Org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1999.

_____. *A modernização seletiva: uma interpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora UNB, 2000.

VENTURA, Roberto. *Introdução ao Brasil – Um banquete no trópico*. 1. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

Autores

Jerferson Joyly dos Santos Medeiros

Mestrando pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. E-mail: joyly@uol.com.br

Jomar Ricardo da Silva

Doutor em Educação pela UFRN

Professor da Universidade Estadual da Paraíba

Recebido em maio de 2014.

Aprovado em junho de 2014